

A descida de Cristo à morada dos mortos como libertação e resgate de muitos: A Igreja na promoção da libertação dos mais pobres e oprimidos

*The descent of Christ to the abode of the dead as the
liberation and rescue of many:
The Church in promoting the liberation of the poorest
and oppressed*

Roberto Marcelo da Silva

Resumo

Na interpretação teológica da Descida de Cristo à morada dos mortos vemos a possibilidade de uma aplicação prática em vista práxis cristã. Os principais elementos contidos nesta reflexão teológica tentará apresentar a descida de Cristo aos infernos como um modelo para a atuação e práxis libertadora da Igreja. A ação de Cristo em descer à morada dos mortos revela a mesma iniciativa de Deus em se inserir na realidade latino-americana. Se Cristo pregou dando uma nova oportunidade àqueles que morreram, o cristão também pode pregar e anunciar a Boa-Nova de Cristo a todos os povos. Se Cristo foi solidário, mesmo após a morte com aqueles que morreram, a nossa solidariedade, a exemplo de Cristo, seria a nossa identificação com este Deus que se solidarizou com a humanidade tanto em corpo quanto em alma. É a descida de Cristo à mansão dos mortos que vem contribuir por uma práxis para a vida cristã em correspondência com a atuação de Jesus na realidade concreta de nossa sociedade latino-americana. Vemos que através de uma rica experiência histórica, cheia de luzes e de sombras na realidade latino-



americana, a grande missão da Igreja a partir da Descida de Cristo à morada dos mortos.

Palavras-chave: Descensus. Libertação. Resgate. Igreja. Solidariedade.

Abstract

In the theological interpretation of the Descent of Christ to the abode of the dead we see the possibility of a practical application in view of Christian praxis. The main elements contained in this theological reflection will try to present the descent of Christ to hell as a model for the liberating action and praxis of the Church. The action of Christ in descending to the abode of the dead reveals the same initiative of God in inserting himself in the Latin American reality. If Christ preached giving a new opportunity to those who died, the Christian can also preach and announce the Good News of Christ to all peoples. If Christ was in solidarity, even after death, with those who died, our solidarity, like Christ, would be our identification with this God who showed solidarity with humanity both in body and in soul. It is the descent of Christ to the mansion of the dead that comes to contribute for a praxis for the Christian life in correspondence with the action of Jesus in the concrete reality of our Latin American society. We see that through a rich historical experience, full of lights and shadows in the Latin American reality, the great mission of the Church from the Descent of Christ to the abode of the dead.

Keywords: Descensus. Release. Rescue. Church. Solidarity.

Introdução

No período patrístico foi comum à compreensão da descida de Cristo à morada dos mortos como – luta e vitória sobre os poderes infernais. Descendo aos infernos e aprisionando o Diabo e seus demônios, o Senhor libertou os justos que lá se encontravam. Fundamentada basicamente em apócrifos como o Evangelho de Nicodemos¹ e Odes de Salomão,² tal interpretação

¹ DESCIDA DE CRISTO AOS INFERNOS (Versão Grega), p. 5,1-6,2.

² ODES DE SALOMÃO 42, 11-20 *apud* CHIALÀ, S., *Discese agli inferi*, p. 46.



tornou-se célebre graças, principalmente, as homilias pascais, como as de Melitão de Sardes.³

A vitória de Cristo foi muitas vezes representada na iconografia. Os ícones das Igrejas orientais sobre a descida de Cristo à morada dos mortos, que começam a ser pintados no século VII, representam frequentemente o Ressuscitado tendo o demônio aos seus pés e com a cruz como instrumento de vitória sobre ele, sobre o pecado e sobre a morte, outros ícones representam o Ressuscitado segurando e puxando pelos pulsos Adão e Eva. O significado dessas representações é que a descida de Cristo ao lugar dos mortos e sua subida na ressurreição estão vinculadas. Na liturgia das Igrejas do Oriente a descida e subida são inseparáveis: *“Vós ressuscitastes dos mortos depois de ter pisado a morte; vós subistes ao céu da glória”*.

Porque veio para salvar a humanidade toda, Cristo tinha de ir ao encontro dos filhos de Deus perdidos no lugar onde eles se encontravam. A Igreja como sacramento de Cristo, herda as mesmas práticas promovidas por Cristo. Se Cristo anunciou a Boa-Nova da Salvação descendo a mansão dos mortos como resgate de muitos, compete também a Igreja o anúncio desta Boa-Nova e o resgate daqueles que esperam em ver nela a iniciativa divina. Cristo saiu do lugar dos mortos, não sozinho, mas rodeado dos que foram libertados por ele.

Libertar, resgatar se torna a missão da Igreja. O fiel, ao ser inserido na Igreja lhe é confiado à missão de anunciar a Boa-Nova da libertação aos pobres e aos oprimidos, pois esta libertação também faz parte da mensagem central de Jesus, ou seja, anunciar o Reino de Deus aos pobres.⁴

A Igreja sempre procurou estar em defesa dos direitos do fraco, do pobre e do oprimido.⁵ Não é de se surpreender que atualmente a Igreja opte

³ Eu sou, diz o Cristo, eu sou quem destruiu a morte, quem venceu o inimigo, quem pisoteou o Hades, quem atou o forte, quem arrebatou para alto dos céus, MELITÓN DE SARDES, Sch 123.

⁴ Em Jesus Cristo, este Deus revela de modo definitivo seu amor aos homens, em especial aos necessitados. A ação concreta de Jesus, sua vida e pregação são o testemunho disto. Jesus justifica suas atitudes frente aos marginalizados, apelando a misericórdia de Deus. Deus ama os pobres não por estes serem melhores que os outros homens, mas por se encontrarem em situações desprivilegiadas. Este amor de Deus desafia o homem, que não raras vezes se fecha em uma concepção de mérito e não consegue acompanhar este amor que transborda gratuitamente. ANDRADE, P. F. C., *Opção pelos pobres*, p. 575-86.

⁵ O sinal (de sua origem divina) que a Igreja dará ao mundo não pode ser diferente do que Jesus mesmo deu, definindo-se como o enviado de Deus para levar a Boa-nova aos pobres. DUPONT, J., *A Igreja e a Pobreza*, p. 444; Libertação é libertação do oprimido, BOFF, L., BOFF, C., *Como fazer teologia da libertação*, p. 45.

por uma sociedade mais justa e fraterna opondo-se ao sistema de opressão e exclusão.

A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela não pode excluir ninguém e deve oferecer a todos, grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção e seus prediletos são os fracos e os oprimidos. Não pode ficar indiferente à espoliação do índio expulso de suas terras, à destruição de sua cultura. Não pode fechar os olhos ante a grave situação de insegurança em que vivem os pequenos, ante a fome dos pobres e a desnutrição das crianças. Não pode ignorar os desenraizados, os migrantes que buscam novas oportunidades, e que somente encontram abrigo debaixo dos viadutos ou se aninham nos arredores das grandes cidades. Cristo se faz presente e visível nestas pessoas. Maltratá-las é maltratar a Cristo.⁶

Jesus em seu ministério proclamava a Boa-Nova do Reino não somente com palavras, mas também com ações que eram “sinais”, da presença da justiça e da misericórdia de Deus entre os homens, a Igreja deve ser também destes sinais do Reino. Na pregação de Jesus o Reino não é anunciado, como uma realidade distante e inatingível, mas como realidade que já se inicia e atua na história. A Igreja em sua fidelidade a missão não pode limitar-se somente a uma proclamação meramente verbal da Boa-Nova do Reino aos pobres e a denunciar o que está em contradição flagrante com ela. É necessário também, além do anúncio e da denúncia, realizar e promover gestos e fatos de libertação. Da mesma forma como Cristo, após a morte, leva a esperança da presença de Deus àqueles morreram como resgate de muitos, a Igreja deve ser sinal de resgate, esperança, presença de Deus no seio da humanidade.

1. O resgate e a libertação de muitos como opção preferencial pelos pobres

A vitória de Cristo presente no artigo de fé da descida de Cristo à morada dos mortos diz respeito ao resgate, a libertação e até mesmo a iniciativa divina que rompe as prisões permitindo que prevalecesse a salvação que vem de Deus.⁷ Quem muito desenvolveu a perspectiva da vitória no artigo de fé da

⁶ CNBB, Comunicação Pastoral ao povo de Deus, 15.

⁷ Este artigo foi retirado da tese de doutorado: SILVA, R. M., A descida de Cristo à mansão dos mortos à luz da teologia latino-americana. Um maior desenvolvimento e aprofundamento teológico sobre o assunto podem ser conferidos na tese.



descida de Cristo aos infernos, foi à teologia francesa. Os teólogos franceses acolheram a perspectiva da vitória de Cristo na região dos mortos, já desenvolvida pelos padres da Igreja, e faz dela uma característica deste artigo de fé.

É Christian Duquoc que apresenta o artigo de fé do *descensus* como uma inserção tardia ao Símbolo e que originalmente queria apenas representar a realidade da morte de Jesus. Segundo este autor, foram os padres da Igreja que deram início a um desenvolvimento teológico daquilo que Jesus teria feito no pós-morte ao empregar as diversas imagens de conquista, libertação e pregação na região dos mortos. Tais imagens significaram um processo de “remitização”, processo que corre o risco de abafar com a capa do anedótico e do maravilhoso, o autêntico sentido da descida aos infernos.⁸

Duquoc afirma que com a descida aos infernos, vemos a atividade salvífica e vitoriosa de Cristo àqueles que morreram, mas, não nega o valor da linguagem mitológica ou simbólica para exprimir as realidades desta ordem. Ao admitir a inevitabilidade de seu uso pela Igreja antiga, afirmou à necessidade de uma nova demitização, um retorno da compreensão do Novo Testamento, fazendo desta descida um defrontar-se com o irremediável, com a morte, como destino trágico do homem. Assim, o *descensus* expressa a tragicidade da condição humana e a situa em relação a Deus e ao seu silêncio, enfrentado por Jesus após a morte.⁹

Dentro da compreensão de Duquoc nos faz refletir o quanto a tragicidade da condição humana retrata muitas vezes a situação miserável do ser humano que espera pela iniciativa divina. Os pobres de modo geral, os sem esperança, os invisíveis sociais pela opressão e injustiça ouvem a Boa-Nova do Reino como uma proclamação da libertação fundada na justiça e na misericórdia divina, suscitando neles a fé e a esperança por um mundo melhor.

No contexto latino-americano esta libertação e este resgate estão inseridos numa interpretação de fé que busca responder as situações históricas, que desafiam e ao mesmo tempo abrem novos caminhos para a tarefa evangelizadora da Igreja. Por isso, a interpretação da fé é permanente, enquanto esforço de compreensão exigida pelo dom da fé, porquanto responde a interpelações concretas a um mundo cultural determinado. O mesmo pode dizer que o princípio da teologia da libertação, que nasceu de uma intensa preocupação pastoral, esteve ligado à vida da Igreja, a sua celebração comunitária, a sua inquietude

⁸ DUQUOC, C., La descende du Christ aux enfers, p. 45-62.

⁹ DUQUOC, C., Cristologia, p. 46-62.

tude evangelizadora e o seu compromisso com a sociedade latino-americana, em particular com os mais pobres, excluídos e marginalizados.

Optar pelos mais pobres na sociedade latino-americana é promover este resgate e esta libertação já promovida por Cristo quando este desceu até à morada dos mortos e nos convida, não somente a refletir, mas sim a tomarmos também nossa iniciativa na busca de respostas e soluções aos desafios encontrados em nossa sociedade. A opção preferencial pelos pobres sempre esteve presente nas intenções da Igreja e vemos nos documentos eclesiais (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida) e entre outros, o comprometimento e a responsabilidade de fé que deve estar presente na atitude do cristão.

O Deus, que conhecemos nos textos bíblicos, é um Deus presente na história. É um Deus Encarnado na história da humanidade, ao lado dos pobres, dos oprimidos, guiando sempre para a plenitude da vida e da liberdade para todos. Desde o Antigo Testamento percebemos que Deus se compadece pelos mais pobres e marginalizados. *“O Deus que se manifesta no Antigo Testamento, como Senhor da história, criador, transcendente, e misericordioso, manifesta-se também como Deus da justiça, que se coloca ao lado do fraco, da viúva e do indigente”*.¹⁰

No entanto, não podemos esquecer que muitos membros da Igreja não se comprometeram e não deram importância às ações pastorais voltadas aos mais pobres e necessitados, vendo neles a imagem de Cristo. Mesmo assim, sempre houve, ao longo da história da Igreja, pessoas e acontecimentos eclesiais que testemunharam com coragem o empenho por uma sociedade mais justa e solidária. O resgate e a libertação de muitos se torna a práxis eclesial aos mais necessitados. *“A Igreja viveu, durante toda a Idade Média, ao menos em parte, ao lado dos pobres, dos marginalizados e soube, por muitos de seus filhos, manter um testemunho de pobreza, colocando-se a serviço dos mais necessitados”*.¹¹

A Igreja na América Latina não pode ser entendida sem um compromisso preferencial pelos pobres. Se Cristo se fez sinal de esperança para os menos favorecidos fazendo-os ter acesso ao Reino de Deus, a Igreja e todo o povo de Deus deve também ser sinal de esperança para quem não tem esperança. *“A Igreja Latino-americana e a do Brasil, em particular, vem assumindo desde alguns anos uma opção de fundo, a que se costuma chamar de ‘opção pelos pobres’”*.¹²

¹⁰ ANDRADE, P. F. C., *Opção pelos pobres*, p. 575-86.

¹¹ ANDRADE, P. F. C., *Opção pelos pobres*, p. 575-86.

¹² ANDRADE, P. F. C., *Opção pelos pobres*, p. 575-86.

A partir do momento em que a Igreja se reconhece como via de acesso ao Reino, esta passa a estar a serviço do Reino de Deus, não perdendo de vista o sentido da provisoriedade, e aponta o sentido do infinito e definitivo no anúncio da vitória de Deus, sendo peregrina e solidária com toda a humanidade.¹³

O compromisso eclesial deve se estender em toda a vida prática da Igreja desde sua organização interna, lideranças e de presença no mundo. A opção preferencial pelos pobres deve corresponder a todo o agir pastoral, deve ser um critério essencial para o discernimento e conscientização. A missão da Igreja no mundo, com base as ações de Cristo, deve se estender a todos os pobres e a toda a sociedade, de modo geral, para que com a graça de Cristo a salvação atinja a todos sem exclusão.¹⁴

Assumir a causa dos pobres é assumir, antes de mais nada, seus interesses mais imediatos. É colaborar na construção de uma sociedade conforme diz João Paulo II ‘a distribuição injusta dos bens ceda o lugar a uma distribuição mais justa’. É fazer tudo para que o abismo entre os que têm e os que não têm ‘não aumente, mas diminua para que se tenha a igualdade social.’¹⁵

Em vista da realidade latino-americana a opção pelos mais pobres e mais necessitados tem uma importância muito maior que tende a ser indispensável para o discípulo e seguidor de Jesus de Nazaré, Senhor e Mestre. A expressão “*preferencial*” não quer dizer simplesmente uma opção. O Documento de

¹³ Jon Sobrino nos apresenta uma perspectiva sobre a vitória de Deus quando relaciona esta vitória com expulsão do demônio. O mal atuante não é pois, só uma ação isolada de demônios isolados, mas é algo que permeia tudo. É a força negativa da criação, que a destrói e a torna capaz de destruir, a qual se expressará histórica e socialmente como anti-reino. Jesus afirma também que o mal tem grande poder e sabe que diante dele os homens se sentem indefesos e impotentes. (...) Na América Latina não só existem calamidades inenarráveis, mas também o sentimento de indefesa e impotência. Os pobres se sentem indefesos e impotentes às vezes diante das doenças – o que lembraria as narrações evangélicas –, mas estão assim, sobretudo, diante das calamidades históricas, que não somente sofrem mas também lhe são impostas em total impotência e desesperança. Deste ponto de vista e para expressar essa indefesa e impotência, propusemos a seguinte definição de pobres: Pobres são os que têm todos os poderes deste mundo contra si: oligarquias, governos, forças armadas, partidos políticos e, às vezes, Igrejas, instituições culturais. Cremos que o impacto mais profundo da teologia da libertação consiste precisamente em ajudar os pobres a superarem esse sentimento de indefesa e impotência, a crerem que é possível a libertação das forças opressoras SOBRINO, J., Jesus, o Libertador, p. 145.

¹⁴ GUTIÉRREZ, G., Uma teologia da libertação no contexto do terceiro milênio, p. 87.

¹⁵ ANDRADE, P. F. C., Opção pelos pobres, p. 575-86.

Aparecida acentua: “*Preferencial implica que deva atravessar todas as estruturas e as prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos*”.¹⁶

Muito se questiona em qual seria o ponto de partida para melhor atingir os mais necessitados, ou seja, é necessário partir dos pobres para alcançar a Cristo ou devemos partir de Cristo para alcançar os pobres? É seguro partir da pessoa e da prática de Jesus colhendo de suas ações princípios que possam determinar a prática cristã. Conhecer a pessoa de Jesus e perceber como as primeiras comunidades acolheram e transmitiram a pessoa de Jesus pode contribuir para os diversos desafios presente na sociedade latino-americana.¹⁷

A vitória de Cristo à mansão dos mortos pode ser retratada pela opção pelos pobres na oferta do anúncio da Palavra de Deus de diversos modos. O ato de descer do Cristo denota a solidariedade Dele para com a humanidade e o compadecer de Cristo, frente a situações de tanta injustiça. É necessário saber como foi a relação de Jesus para com os mais pobres e marginalizados e seguir os seus passos para a edificação de nossa própria sociedade. “*Concretizar o amor ao próximo é para Jesus aproximar-se do necessitado, é exercer a misericórdia para com o outro. A concretização do amor ao próximo como amor ao necessitado é para Jesus a atualização da misericórdia de Deus*”.¹⁸

Ao perceber as ações de Jesus e sua missão para com os menos favorecidos, vemos que a sua opção para com os mais pobres tem um sentido de denúncia. Jesus, ao se fazer pobre entre os pobres, se empenhou em mostrar que a pobreza não corresponde com o Reino de Deus.

Assim, a vida cristã tem todo o seu compromisso norteado pelas condutas de Jesus. A descida de Cristo à mansão dos mortos traz a reflexão de como podemos nós também descer aos mais pobres para sermos a imagem e semelhança de Cristo. Se somos a imagem e semelhança de Cristo, vemos na prática da justiça a conscientização de que a todos confere a plenitude da vida que já se expressa na caridade e solidariedade. “*Aqui está a raiz última da justificativa do privilégio dos pobres: Assim é a bondade de Deus. Deus que ama a todos se compadece da situação dos marginalizados. Ouve os gritos dos marginalizados*”.¹⁹

¹⁶ DAp 396.

¹⁷ GUTIÉRREZ, G., Uma teologia da libertação no contexto do terceiro milênio, p. 92.

¹⁸ ANDRADE, P. F. C., A opção pelos pobres e a graça de Deus, p. 656-67.

¹⁹ ANDRADE, P. F. C., A opção pelos pobres e a graça de Deus, p. 656-67.

2. A Boa-Nova liberta denunciando as causas da miséria e opressão

O teólogo francês, Louis Lochet trás uma reflexão sobre uma transformação que leva uma libertação e uma sensibilidade coletiva no mundo atual. Não é só o mundo que nos rodeia que mudou, mas também nossa sensibilidade e nosso pensamento, nossas relações com o mundo, com os outros e até mesmo nossa própria concepção de homem. Com a mudança da nossa realidade altera-se também nossa linguagem. A progressiva descoberta da totalidade do mundo, as comunicações sociais que nos permitem conhecer a voz e os rostos dos homens de todos os países, gerou pouco a pouco um profundo sentimento de solidariedade humana.²⁰

A obra de Louis Lochet *Jésus descendu aux enfers*²¹ é na verdade, um estudo soteriológico que trata principalmente da questão da eternidade (interminabilidade) do inferno. É nessa perspectiva que ele trata o tema da descida de Jesus aos infernos.

Parece-nos, com efeito, que a descida aos infernos, afirmada pela Igreja o Credo e revelada pela Escritura, não é somente uma espécie de episódio estranho e um tanto mítico da missão de Jesus: passagem sem consequências para a nossa vida presente e para nossa esperança cristã.²²

Afirma que a descida de Cristo aos infernos deve ser vista como “*uma dimensão da missão de Cristo e um aspecto sempre atual do mistério da salvação*”.²³ Entende ele a descida aos infernos como a expressão de uma solidariedade e de libertação dos cativos, “*não só dos vivos, mas também dos mortos; não só os de seu tempo, mas os de todos os tempos; não só dos justos, mas os dos réprobos*”,²⁴ concluindo com a possibilidade da salvação inclusive destes.

Jesus não se apresenta como aquele que condena, senão como aquele que salva, que liberta. Esta é a grande perspectiva que se estende a tudo e que a tudo se permite ser iluminado, pois o que nos foi revelado não é somente que Jesus é o Salvador, mas sim, que Jesus é o Salvador de todos.²⁵ A atitude cristã

²⁰ LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*, p. 23.

²¹ LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*.

²² LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*, p. 15.

²³ LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*, p. 16-17.

²⁴ LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*, p. 91.

²⁵ LOCHET, L., *Jésus descendu aux enfers*, p. 42.

deve corresponder com esta atitude do Cristo de levar a esperança e a oportunidade da salvação àqueles que se encontram nas trevas. Assim como os mortos moravam todos juntos em uma espécie de vida diminuída, sem força e sem atividade (refains), o povo de Deus, sofrido, marginalizado, e pobre espera por uma práxis cristã que possa levar o amor e a solidariedade que vem de Deus.

Em nossa realidade latino-americana muitos esperam por uma iniciativa, um gesto de dignidade e valores dos quais muitos possam ter a oportunidade de crescerem enquanto pessoa inserida numa sociedade mais justa e fraterna. O Cristo que desce à morada dos mortos levando a libertação dos cativos deve ser o gesto da Igreja que leva a atitude de Cristo aos mais pobres e oprimidos. É evidente que não nos faltam expressões de Jesus em que se opõem as instituições, pessoas, e aos mecanismos estruturais que exploravam, oprimiam e marginalizavam os pobres: “*Ai de vocês, os ricos... Ai de vocês que agora têm fartura...*” (Lc 6,24-25). Ainda: “*Louco! Nesta mesma noite você vai ter que devolver sua vida. As coisas que você acumulou, para quem vão ficar?*” (Lc 12,20). Jesus derrubou a estrutura iníqua do Templo quando afirmou: “*Tirem isso daqui! Não transformem a casa de meu Pai num mercado*” (Jo 2,16). Jesus também soube denunciar a injustiça promovida pelo Império Romano que havia feito do povo uma mercadoria; soube reivindicar a dignidade das pessoas, feitas a semelhança de Deus: “*Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*” (Lc 20,25). O próprio Santo Agostinho, que viveu no quarto século depois de Jesus, bem conhecia a estrutura do Império Romano, chegando a afirma-lo como “uma grande empresa de roubo” (em latim: *magnum latrocinium*).²⁶

As ações de Jesus recupera e atualiza a coragem e a verdade dos profetas de Deus do Antigo Testamento. Os profetas, impulsionados pelo Ruah, o Espírito de Deus, souberam denunciar as injustiças que o povo de Israel sofria. Da mesma forma, Jesus tomado por um grande amor às pessoas, procurou demonstrar que o verdadeiro sentido da vida só é possível ao romper com todo o tipo de mal que oprime e explora. A imagem de Cristo que desce à mansão reforça o conflito entre a luz e trevas. Cristo é a esperança, a vida, a dignidade e a justiça. O cristão, ao seguir Cristo não pode compactuar com a corrupção, a exploração, a opressão. Cristo desce para levar a luz e a glória. As ações do cristão devem ser semelhantes aquela de Cristo levando pela mensagem a luz, esperança, vida, dignidade e justiça.

²⁶ AGUSTIN, La cité de Dieu IV, 4.

De nossa fé em Cristo nasce também a solidariedade. Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação.²⁷

3. O compromisso eclesial – Uma Igreja que promove a salvação e a libertação aos pobres

O desígnio salvífico de Deus, revelado e manifestado definitivamente pela pessoa de Jesus Cristo, continua concretizando-se historicamente como salvação e libertação, misericórdia e consolação para os pobres e infelizes em nossa sociedade. A experiência da liberdade e da comunhão, a esperança e a fé enraizadas no coração dos pobres pela descoberta do Evangelho são capazes de superar os obstáculos que antes apareciam como insuperáveis.

O Evangelho ilumina com nova luz os desafios presentes na sociedade ao mesmo tempo em que é descoberto ou redescoberto como Boa-Nova de libertação, ou seja, como criador de amizade e comunhão, de confiança e coragem para enfrentar os problemas em comunidade. Ao conhecer a realidade com seus desafios, temos as devidas condições para promover as transformações necessárias na sociedade.

Para que estas transformações ocorram, é necessário encarar os desafios presentes na sociedade, como pobreza, indiferença, injustiça, ou até mesmo, encarar a morte de uma maneira diferente. Em países ocidentais economicamente mais avançados, a morte, por exemplo, é vista como realidade a ser desconsiderada. Consequentemente, são usados meios para negá-la ou ocultá-la e viver como se ela não existisse. Uma cultura que não tem a capacidade de olhar para a morte e encará-la, é incapaz de compreender seu sentido e desta forma, perdeu também o sentido da vida.

É por isso que em nosso contexto sociocultural, o artigo de fé da descida de Cristo à mansão dos mortos contrapõe nossa cultura atual. Ao professar que Jesus Cristo desceu à mansão dos mortos e deter-se longamente na reflexão daquilo que o artigo de fé tem a oferecer, produziria compreensões particularmente importantes para nós: o aprofundamento de nossa fé numa nova forma de compreender e acolher a morte como parte essencial do ser humano e a libertação das novas e terríveis formas de escravidão de que são vítimas

²⁷ DAp 396.



tantos de nossos contemporâneos que se recusam em aceitar a realidade da morte e que buscam meios para negá-la ou ocultá-la. Na cultura da produção e do consumismo, do êxito e do exibicionismo, da beleza e do prazer, há muitos interesses para negar ou esconder a realidade da morte. Consequentemente, muitas pessoas são levadas a crer que podem viver neste mundo de beleza, bem-estar, fama, riqueza a que podem aspirar; são levadas a crer que esses bens podem ser comprados.

A proclamação do mistério pascal, isto é, a proclamação da fé e na morte e ressurreição de Jesus e na nossa ressurreição contrapõe nossa cultura atual porque desmascara todos esses enganos e mostra que não é pelo mesmo caminho da busca pelo dinheiro, beleza, consumo e o prazer, nem pelos artifícios inventados para negar ou ocultar a morte, que se alcança a felicidade. A libertação é a vida nova em Cristo que se manifesta na realidade da sociedade. Os valores humanos promovidos por Cristo nos servem para edificar uma sociedade em que a justiça e a paz predominam pela força do Evangelho.

Na medida em que a Igreja, povo messiânico e sacramento da salvação, realiza, movida pelo Espírito do Senhor, ações e sinais de justiça, de misericórdia, de amor para os que não têm o que comer, o que vestir, onde morar, para com todos os indigentes, oprimidos e infelizes, sejam eles seus membros pela fé e pelo batismo ou encontrem-se fora de suas fronteiras visíveis, edifica-se o Povo de Deus, o Povo escolhido para que se cumpra as promessas de Deus. *“A motivação última da opção pelos pobres não está no ódio a ninguém, mas no amor ao necessitado, resposta a misericórdia de Deus”*.²⁸

Os cristãos pobres presentes em nossa sociedade vivem a fé e a esperança na vinda do Reino esperando por superar as situações de dependência, de opressão e até de miséria em que se encontram. A Igreja tem o compromisso de manifestar eficazmente a presença do Reino entre os homens quando o povo pobre, despojado e abandonado dessas comunidades é acolhido na Igreja como na sua própria casa. Os pobres que formam essas comunidades se conscientizam de que são eles os filhos do Reino e filhos de Deus pelo batismo, essa é a natureza desse Reino: um Reino de verdade e de justiça, de amor e de paz; quando esses pobres, acolhendo a Boa-Nova, são urgidos pela fé, pela esperança e pelo amor, para realizar, no lugar em que se encontram, os gestos e ações concretas de justiça, libertação, salvação. acolhida, vivida e testemunhada pela Boa-Nova do Reino proclamada aos pobres.

²⁸ ANDRADE, P. F. C., *Opção pelos pobres*, p. 575-86.

A relação entre Reino de Deus e o pobre é um dos temas centrais da fé e da práxis cristã, da reflexão teológica e da opção eclesial pelos necessitados. O Reino de Deus é um “já” que começou na história, dom gratuito de Deus em Jesus Cristo libertador, atualizado pela Igreja comprometida e solidária. É igualmente um “ainda não” que vem chegando, que coloca a esperança na parusia. Este Reino é uma unidade dialética de uma ação real, mas que só chegará à plenitude no porvir.²⁹

A Igreja presente nas comunidades torna-se sinal deste Reino mediante o testemunho de solidariedade expresso na justiça, no amor, na reconciliação, na verdade e na paz. A Igreja também se faz sinal e instrumento de unidade e de comunhão com Deus e entre as pessoas.³⁰ Uma Igreja que atualiza a ação salvadora e libertadora de Cristo através da reconciliação e unificação dos homens em um povo.

O Evangelho, Boa-Nova da libertação, foi usado não poucas vezes, ao longo da história da Igreja, contra a opressão aos mais pobres e necessitados. Desta forma, uma comunidade de pobres que se conscientiza pela luz do Evangelho, se expressa assim: “Ninguém nasceu para morrer. Precisamos sair de uma religião do medo para uma religião de salvação. De uma religião de opressão para uma religião de crescimento”.³¹

A novidade libertadora do Evangelho, que, quando é descoberto, cria naqueles que o acolhem uma nova consciência e novas atitudes Campanhas de Saúde, Melhorias dos meios de Comunicação etc. “A libertação trazida por Cristo acontece onde o povo tem o direito de falar, julgar e agir”.³²

A descoberta do Evangelho fez surgir nos pobres uma nova consciência, e particularmente uma nova consciência de ser Igreja e do que é a Igreja: uma Igreja onde todos têm os mesmos direitos fundamentais; uma Igreja povo de Deus convocado por Deus sem discriminação nem acepção de pessoas: “Não é só o branco, nem preto, nem rico, não tem qualidade, é para todos que querem seguir o caminho de Deus... onde o pobre tem o direito do rico, o rico para ser da Igreja tem que ficar no mesmo nível do pobre”.³³

²⁹ DUSSEL, E., De Medellín a Puebla, p. 683.

³⁰ DM, Catequese, 10; Pastoral popular, 13; Movimento de leigos, 12; Pastoral de conjunto, 9-11.

³¹ COMUNIDADES DAS PARÓQUIAS DE S. DOMINGOS E NOVO BRASIL, col. 1068.

³² II ENCONTRO SOBRE COMUNIDADES DE BASE, col. 460.

³³ RELATÓRIO DA COMUNIDADE DE TACAIMBÓ, col. 262.

Conclusão

Após ter analisado o desenvolvimento doutrina da descida de Cristo aos infernos, concluímos que o sentido primeiro e fundamental da afirmação equivale à afirmação da morte de Jesus na cruz. Em uma época em que não apenas a ressurreição de Cristo é objeto de controvérsias, mas também sua morte na cruz, o artigo mostra-se como oportuno para expressar a fé da Igreja. Ao estar, porém, a morte e a ressurreição de Jesus associadas, desde a mais remota tradição cristã (1Cor 15,3), ao mistério de nossa salvação, é bastante compreensível que sua “descida à morada aos infernos” também o fosse. Desse modo é compreensível que as interpretações soteriológicas ganhassem destaque.

Interpretada como vitória sobre as potências infernais (interpretação soteriológica bastante comum no período patrístico) a descida aos infernos também foi entendida como um momento do mistério da Paixão do Senhor e da vitória que, na Cruz, Ele alcançou sobre o Maligno. A interpretação, mesmo revestida de um linguajar simbólico, “mitológico”, traduz muito bem o que a Igreja crê e se celebra na liturgia do mistério pascal, evitando que se entenda a descida de Jesus aos infernos como participação no sofrimento dos condenados, ideia tardia que não encontra fundamento nem nas Escrituras, nem nos Padres. Seu principal significado parece-nos ser a afirmação da exclusividade da mediação de Cristo no mistério da salvação e o alcance (potencialmente) ilimitado de seu poder salvador: Jesus Cristo o único Salvador, tanto dos que o antecederam, como dos que o sucedem no tempo da vida terrena. O objetivo deste artigo foi apresentar a Descida de Cristo à morada dos mortos de forma a torná-la mais acessível ao nosso contexto atual.

A evangelização é a missão própria da Igreja. A história da Igreja é, fundamentalmente, a história da evangelização de um povo que vive em constante transformação e que busca de por uma condição melhor de vida. A evangelização está nas origens do povo da América Latina. A Igreja faz-se presença nas raízes e na atualidade deste povo latino-americano, para que a evangelização leve a libertação e crescimento em todas as dimensões da vida. É a atuação de Cristo que pode nortear as ações do ser humano em vista da evangelização. A partir do momento em que Cristo desceu a mansão dos mortos levando a pregação, resgatando, libertando e sendo solidário àqueles que se encontravam no lugar dos mortos, pode

despertar na práxis eclesial atitudes semelhantes à de Cristo no hoje e no agora do povo latino-americano.

O “lugar dos mortos”, muitas vezes retratados como uma realidade de pós-morte, agora vemos como uma condição existencial, próximo da realidade, na vida do ser humano, e como um lugar teológico, cujo qual se pode desenvolver uma forma de agir e de se expressar à exemplo de Cristo. Vemos que Deus ilumina as trevas, Deus desce ao mais fundo dos abismos, Deus atinge o nível da humanidade para fazê-la participar da divindade, com a ressurreição de Cristo, os infernos perdem seu significado. Se Jesus superou a morte, o homem pode dedicar-se a superar também os infernos deste mundo. É o vislumbre da aurora, também sobre os “pequenos infernos” de nosso dia-a-dia.

Superar os infernos no mundo, nada mais é do que superar as situações de pecado social, de injustiça, falta de dignidade humana, opressão, pobreza, situações estas que faz com que o ser humano já experimente, em vida, o sentido da morte. Não se pode negar que em muitas ocasiões o ser humano perde o sentido da vida. É o artigo de fé da descida de Cristo à morada dos mortos que traz a possibilidade em pensar que os feitos de Cristo, àqueles que morreram, tem a intenção em ascendê-los, fazendo-os contemplar a luz e a vida que vem de Deus.

Referências bibliográficas

AGUSTIN. **La cité de Dieu, Livres I-V**. Paris, Desclée de Brouwer/IEA, 1959. 2015. (Œuvres de saint Augustin, 33).

ANDRADE, P. F. C. A opção pelos pobres e a graça de Deus. **Grande Sinal - Revista de Espiritualidade e Pastoral**, v.38, n.9 , p. 656-67, nov. 1984.

ANDRADE, P. F. C. Opção pelos pobres: fidelidade à mais antiga tradição. **Grande Sinal - Revista de Espiritualidade e Pastoral**, v.39, n.7, p. 575-86, set. 1985.

BOFF, L.; BOFF, C. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CHIALÀ, S. **Discese agli inferi**. Qiqajon: Magnano 2012.

CNBB. **Comunicação Pastoral ao povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1977.

DA SILVA, R. M. **A descida de Cristo à mansão dos mortos à luz da teologia latino-americana**. Rio de Janeiro, 2019. 302p. Tese de Dou-



torado. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DESCIDA DE CRISTO AOS INFERNOS (Versão Grega). In: PROENÇA, E. (Ed.) **Apócrifos da Bíblia e pseudoepígrafos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 611-617.

CNBB. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB / Paulus / Paulinas, 2008.

DUPONT, J. **A Igreja e a Pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1965.

DUQUOC, C. **Cristologia**: O Messias. Ensaio Dogmático. São Paulo: Loyola, 1980. v.II.

DUQUOC, C. La descente du Christ aux enfers. Problématique théologique. **Lumière et vie**, v. 17, n.87, p. 45-62, Mar./Avr. 1968.

DUSSEL, E. **De Medellín a Puebla**. Uma década de sangue e esperança. De Sucre à crise relativa do neofascismo – 1973-1977. São Paulo: Loyola, 1982. v.II.

GUTIÉRREZ, G. Uma teologia da libertação no contexto do terceiro milênio. In: CELAM. **O futuro da reflexão teológica na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 77-126.

LOCHET, L. **Jésus descendu aux enfers**. Paris: CERF, 1979.

MELITÓN DE SARDES. **Sur la Pâque**. Dir. C. Mondésert (SCh 123). Paris: Les Éditions du Cerf, 1966.

COMUNIDADES DAS PARÓQUIAS DE S. DOMINGOS E NOVO BRASIL. In: SEDOC. **Comunidades Eclesiais de Base**: Uma Igreja que nasce do povo. Encontro de Vitória. Petrópolis: Vozes. v.7, n.81, col. 1068, mai. 1975.

II ENCONTRO SOBRE COMUNIDADES DE BASE. In: SEDOC. **Comunidades Eclesiais de Base**: Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus. Relatórios vindos das bases. Petrópolis: Vozes. v.9, n.96, col. 460, nov. 1976.

RELATÓRIO DA COMUNIDADE DE TACAIMBÓ. In: SEDOC. **Comunidades Eclesiais de Base**: Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus. Petrópolis: Vozes. v.9, n.95, Maio 1976, col. 262.

SOBRINO, J. **Jesus, o Libertador I**. A história de Jesus de Nazaré. Série II. O Deus que liberta seu povo. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. Tomo III.

Roberto Marcelo da Silva

Doutor em Teologia pela Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Taubaté / SP – Brasil

E-mail: dr.pe.roberto@gmail.com

Recebido em: 24/11/2021

Aprovado em: 12/05/2022